



crônicas

***Mais humor,
por favor!***

Professora organizadora
Graciella Costa Marim Recla

Prefácio
Júlia Fernandes dos Santos

Mais humor, por favor!
Crônicas humorísticas

João Neiva
2022

Esta obra foi produzida pelos alunos da EJA da
EEEFM João Neiva.

Adenilza Haidman da Silva
André Lúcio dos Santos
Amadeu Borges
Athyrson Coutinho Moura
Carlos Gustavo J. Bandeira
Crislainy Reis da Silva
Eduarda Jesus Folhagem
Fabiano Pandolfi de Nardi
Fabrício Ruy Laporte
Filipe Lemos
Franciely Silva Mattos
Gabrieli Ribeiro de Jesus
Heloisa Alves de Almeida
Iasmim Meireles de Abreu
Isaac Batista Gonçalves
Kaick Recla Werneck
Kaíke de Almeida Silva
Maria da Penha Barbosa Borges
Marla de Souza Cuzini
Robert Pessotti Sena

Este livro também apresenta formato digital.

Acesse:



A **crônica** retrata o cotidiano, a realidade.

O **humor** faz refletir.

Juntamos tudo e produzimos este livro, inspirado em histórias vividas pelos estudantes da EJA.

Boa leitura!

Os autores

Numa brincadeira pode-se
até dizer a verdade.

Freud

PREFÁCIO

Júlia Fernandes dos Santos

Pedagoga da EJA

Esperança, maturidade e construção. Assim podemos definir o caminho percorrido pelos sujeitos que ingressam na modalidade da Educação de Jovens e Adultos.

Reconhecer-se parte do processo, ou seja, estar conectado com a sua cartografia social, faz com que esses alunos protagonizem ações exitosas em seus diversos territórios.

Por isso a EJA rompe as barreiras que os limitam em correção de defasagem e conclusão de ensino.

Para sentir-se unânime em seu Projeto de Vida, a leitura e a escrita são instrumentos sólidos de percepção de mundo e de realidades.

As crônicas apresentadas neste livro são ligações convergentes que unem escola e vida, aproximando os alunos das questões cotidianas comuns e semelhantes às suas vivências, significando a aprendizagem, valorizando a promoção do conhecimento.

O ÚLTIMO JOGO

Cris era um garoto de 16 anos que gostava muito de sair, brincar com os amigos e jogar bola. Era alto, forte, dificilmente ficava sério, estava sempre rindo e contagiando as pessoas à sua volta.

Logo pela manhã ele se lembra de que teria um aquecimento para um jogo muito importante, mas que não poderia ir pois estava de castigo - andava tirando notas baixas na escola.

Mais tarde, naquele mesmo dia, ele escuta uma voz que o chamava... Era Alex.

- Bora pro treino?

- Não posso!

- Nossa, mas você é o nosso goleiro, não pode faltar!

- Haha, vocês vão perder sem mim...

- Vamos, eu peço para seu pai deixar - disse Alex

- Eu duvido que ele vai deixar, mas tenta a sorte...

Alex entrou e os dois imploraram para que Cris pudesse ir.

- Por favor tio, deixa ele ir?

- Vai pai, prometo melhorar, faço tudo que o senhor me pedir daqui pra frente.

Não foi nada fácil, mas o pai foi convencido de que era um jogo muito importante.

- Se vocês não trouxeram a taça para mim, vamos ter uma briga feia.

- Pode deixar que a taça já é nossa! - Alex respondeu.

O treino começou, todos foram muito bem. O outro time não teria chance... estavam deveras preparados e entrosados. A taça já estava praticamente no papo.

Terminado o treino, todos foram para casa, exceto Cris que ficou para trancar a quadra, já que estava responsável pela chave.

A rua estava deserta. Era por volta de 21 horas. Cris andava a caminho de casa quando começou a ouvir muitos latidos de cachorros e nada mais. Aquilo o incomodou... não era comum.

No final da rua, numa escuridão sem fim, vinham 4 rapazes. Estavam com os rostos cobertos e com uma arma nas mãos. Cris, apavorado, começou a correr.

- SOCORRO, SOCORRO!!

Àquela hora os vizinhos já estavam dormindo.

Poww, Poww, Poww, Poww... O barulho acordou o bairro.

Entre as frestas das janelas, começaram a aparecer rostos curiosos e, de súbito, a rua estava lotada.

Todos correram para ver o que havia acontecido.

À esta hora, Dona Val já estava preocupada com o filho que ainda não tinha chegado do futebol.

De repente, chega em sua casa um moço alto, moreno gritando que seu filho havia sido baleado e que alguns moradores o haviam socorrido.

O bairro parou. A cidade parou. Várias pessoas se dirigiram até o hospital para dar apoio. Dentro do hospital estava um verdadeiro caos.

- Cadê o médico?

- Está dormindo - respondeu a enfermeira.

- Então vá logo chamar temos uma emergência.

Quando a enfermeira o chamou, ele levantou meio sem rumo e foi ver o paciente mesmo sem seu jaleco.

- Vamos ter que parar essa hemorragia! - disse o médico.

Ele pediu para que drenassem todo sangue, mas não tinha dreno. Pediu oxigênio, mas não tinha nenhuma máscara disponível. Todos lá dentro estavam desesperados, mas não havia recursos naquele hospital.

Resolveram transferir para algum hospital da capital, mas aí estava um outro problema: a ambulância não estava preparada, não tinha o material necessário para o transporte.

Foi 1 hora de espera para o médico dizer que não havia risco de vida, apesar dos 4 tiros que Cris recebera.

- Ele vai ficar bem! Mas ainda temos que transferi-lo para a remoção das balas - disse o médico.

E foi mais uma hora e meia à espera da ambulância, para que o doutor dissesse para dona Val:

- Fizemos todo o possível, mas seu filho não resistiu.

Pessoas de todos os bairros compareceram ao velório, várias homenagens foram feitas e depois de longos 5 meses ainda não tivemos notícia da ambulância.

Gabrieli Ribeiro de Jesus

A janela

Marcamos para assistir a um filme na casa da minha prima Isadora. Já era uma coisa comum por que ela sempre me convidava para passar o dia ou dormir na casa dela, porém nesse dia aconteceu algo inesperado.

Estávamos sozinhas em casa quando a Beatriz, amiga de infância da Isadora, tinha chegado. Eu já a conhecia e éramos amigas também.

Chegou a hora de escolher o filme. Resolvemos ver um filme de terror porque estava de noite e queríamos uma emoção. O nome era: Arrasta-me para o inferno. Parecia ser um filme assustador que contava a história de uma bancária que arrumou problemas com uma bruxa.

No meio do filme, olhei para a Bia e ela estava em pé, escorada na parede, completamente apavorada, olhando para janela. Isadora começou a gritar e, antes mesmo de perceber o que estava acontecendo, também gritei.

Com muito medo. Voltei o meu olhar para a janela. Estava escuro, mas dava para ver nitidamente um rosto aterrorizante com olhos arregalados. Seu rosto estava amassado contra o vidro da janela. Era assustador!!!

- Eu tô com medo. Eu tô com medo ... repetia sem parar a Beatriz.

- MISERICÓRDIA, TÁ REPREENDIDO - a Isadora gritava.

Beatriz se jogou no chão chorando. Isadora correu para perto de mim. Eu estava sem reação. Um misto de pavor e medo tomou conta de nós.

De repente, a janela começou a abrir e uma voz lá de fora surgiu.

- ISADORA ABRE ESSA JANELA AGORA!!!!!!

Nós estávamos com tanto medo que não saímos do lugar. Até a janela abrir...

- ISADORA!!!! VOCÊ NÃO ESTÁ ME OUVINDO? Estou te chamando há mais de 5 minutos.

Naquela hora nós olhamos e começamos a rir sem parar porque o rosto aterrorizante era apenas a mãe da Isadora que tinha acabado de chegar do supermercado.

- Ninguém ouviu nada, mãe. A gente estava vendo o filme e pensou que você era um monstro e estávamos morrendo de medo...

- Vem me ajudar a guardar as compras, meninas! Eu já avisei para não assistirem filme de terror.

Franciely Silva Mattos

Engano

Roberto era casado com Ingrid. Formavam um casal com um relacionamento completamente tóxico, com muitas brigas, separações e traições - da parte do Roberto. Apesar de tudo isso, Ingrid não conseguia pensar em outra pessoa que não fosse o seu marido, mesmo que ele a traísse.

- Bom trabalho, amor! - Ingrid acena para Roberto.
- Mais tarde "tô" aí, faça a janta. - Roberto sai dando a entender que vai trabalhar.

Chegando no bar, Roberto pede a sua bebida favorita e fica horas lá. Seus amigos riem de Ingrid por acreditar que o homem mais mentiroso do mundo iria trabalhar.

Chega a noite e ele ainda está lá. Ofereceram mais bebidas e muitas coisas ilícitas para Roberto, o que o tirou da realidade.

Lucas, um dos amigos do Roberto, foi até ele e pediu um favor.

- Irmão, você pode levar a Linda para a roça?
- Eu não estou com a minha carteira de motorista aqui.
- Linda? Pode deixar! - Roberto fica entusiasmado.

- Então tá... Eu vou colocá-la na parte de trás do carro, ela está cansada.

Roberto ficou empolgado por estar com uma linda mulher, mesmo estranhando o fato dela estar na carroçaria. Feliz e atrevido, Roberto vai até o motel, para aproveitar a noite.

- Uma suíte para casal! - Roberto diz para a atendente.

- Senhor... Não aceitamos animais aqui, isso é crime...

- a atendente é interrompida.

- O que!? Como pode me chamar assim sua ratazana?!

- ele grita indignado.

- Não é de você que estou falando... - a atendente olha para a carroceria.

- Como pode falar assim dessa linda mulher?

Já era madrugada. Um barulho de sirene se aproxima da casa. Ingrid está esperando pelo seu marido, até escutar alguém batendo em sua porta.

- Ingrid? - um policial chama.

- Sim? - ela abre a porta e fica sem entender.

- Roberto é o seu esposo? - o policial pergunta.
- O que aconteceu? - Ingrid se preocupa.
- Ele estava no motel com... - ele é interrompido.
- De novo!? Como pode?? Cadê ele? - Ingrid fica furiosa.
- Espera... Como assim de novo? Ele já esteve no motel com um animal? - o policial está claramente assustado.
- Animal? Ele já levou anta, piranha, galinha! - Ingrid sente que vai explodir, lembrando de todas as garotas com quem Roberto a havia traído.
- Ingrid, acho que você não entendeu...
 - O policial sai da frente da porta, mostrando o Roberto ao lado de uma égua.
 - E Roberto estava no telefone xingando o seu amigo Lucas.
- Linda!? - irritado - Eu achei que estava falando de uma mulher!

Crislainy Reis Silva

A Festa Surpresa

O ano era 2012. Eu estava sozinho em minha casa. Meus pais haviam saído para visitar um amigo.

- Vocês vão demorar? - perguntei.

- Não, iremos lá ver um problema que aconteceu no carro deles - disse meu pai.

Fiz sinal de desentendido com a cabeça, mas concordei.

Era o dia do meu aniversário, eles não tinham falado nada sobre uma festa, ou algo assim.

Meus pais haviam saído por volta das 12 horas, e já eram 19 horas, e eles ainda não tinham dado sinal de vida. Tentei ligar, porém, só dava caixa postal.

Comecei a me preocupar. No mesmo instante, escutei alguém abrindo o portão... o velho portão da casa.

São eles - pensei e fui ver.

Assim que sai para averiguar, vi que não tinha ninguém, voltei para dentro sem entender nada.

Vou assistir a um filme, talvez seja minha imaginação - pensei alto.

Foi aí que escutei alguém correndo na varanda da casa, pisando forte, e em seguida, algo batendo na janela que estava atrás de mim.

Por sorte, vi meu celular vibrando, era minha mãe dizendo que já estava chegando.

- Graças a Deus - eu disse.

De repente, as luzes se apagaram. Isso foi a gota d'água. Levantei rapidamente e corri no escuro tentando achar a porta, sem enxergar um palmo na frente. Morávamos na zona rural, e não tinha uma boa iluminação. No momento seguinte, eu esbarro em algo, ou melhor, alguém. Eu já estava em pânico. Cai no chão e comecei a chorar, mas escutei um coro, que dizia:

- SURRRRPREEEESAAAA!

Eram meus pais e parentes. Eles fizeram uma festa surpresa com o tema de terror, que eu havia pedido.

André Lúcio dos Santos

Mal Entendido

Um velho homem, de temperamento quente, cabelos grisalhos, porém ainda muito forte. Esse era Geraldo...

Era seu primeiro dia de trabalho naquela empresa de construção.

Chegando lá ele começou seu trabalho. Estava sendo auxiliado por outro rapaz que parecia ser um bom profissional.

12 horas, tocou a sirene da empresa e todos foram almoçar.

Acabado o horário do almoço, Geraldo voltou ao seu posto de trabalho, porém seu ajudante não estava lá. Passaram dez, vinte, trinta, quarenta minutos e o homem não apareceu. A esta altura, o velho trabalhador se irritou pela falta de apoio e esbravejou:

- Mas que inferno! Esperando há horas e nada daquele incompetente do meu ajudante aparecer! Não tem jeito, ninguém quer trabalhar mesmo não. Vou chamar o encarregado!

Geraldo esbravejou com o encarregado, e ele simplesmente disse:

- Então, seu Geraldo, é que “ Aquele incompetente”, como o senhor disse, é o supervisor de toda essa área da obra. Ele estava te avaliando, e te prestou auxílio por livre e espontânea vontade.

O velho homem, pasmo, amansando a voz, disse trêmulo:

- Tudo bem, deixa pra lá, eu nem estava precisando de ajuda mesmo.

Geraldo foi demitido no mesmo dia.

Fabiano Pandolfi de Nardi

O acidente

26 de outubro de 2021... Era de manhã, umas 6 horas. Eu estava indo para o trabalho.

Como de costume, subi na moto e fui. Eu a havia comprado há pouco tempo. Gostava muito dela e ela era uma das motos mais bonitas que já tinha visto. Era meu xodó!

Resolvi seguir por um caminho mais curto, pois já estava atrasado para o serviço.

No meio do caminho vejo meu pai, que trabalha como motorista de ônibus, e naquele dia tinha saído de casa primeiro que eu. Ultrapassei o ônibus que ele dirigia, mas foi muito rápido, por isso ele não conseguiu me reconhecer.

Estava a caminho do trabalho quando, de repente, um carro veio em minha direção. Eu já estava muito próximo... não daria tempo de frear... BOMMM. Aconteceu a colisão.

Olho para o ônibus que meu pai dirigia, passando pelo acidente e se distanciando... por um instante imagino que meu pai iria parar para me ajudar, mas ele não tinha me visto.

Será que ele não vai parar para prestar socorro pro seu próprio filho? - pensei comigo.

Quando ligo para ele e digo o que tinha acontecido ele responde:

- Aquela porrada foi sua? Eu ouvi o barulho mas não sabia quem era.

- Sim! Fui eu, mas estou bem. Não preciso ir para o hospital.

E em minha mente eu só ficava me perguntando:

- Minha moto está bem? O que estragou? Cadê ela?

Eu não queria saber de mim, mas queria saber todos os detalhes da moto.

Muita gente me ajudou, prestaram socorro e tudo mais. O tempo passou, eu melhorei - e a moto também.

Fabricao Ruy Laporte

O mal entendido

Estávamos de férias na casa da tia Emily em Brasília. Acontecia um churrasco em família - aquele em que todos se reúnem e forçam simpatia...

Meus primos e eu estávamos entediados, cansados de ouvir aquele monte de papo furado que todo churrasco de família tem.

Estávamos lá... papo vai, papo vem... até que algumas crianças chegaram até nós e perguntaram se a gente queria brincar com eles de pique-esconde.
- Vamos, gente? - eu estava animada.

Qualquer coisa seria melhor do que ouvir aquelas conversas chatas.

Quando a brincadeira começou, meu primo Rahim, de 7 anos, e eu corremos para o quarto nos esconder. O esconderijo era perfeito. Ninguém ainda tinha pensado em procurar lá.

De repente, eu olho pela janela e vejo um uns lindos pintinhos no jardim e naquele mesmo instante olhei para o Rahim e gritei:

- Ah primo, que pintinho lindo!

Naquele momento uma das crianças que estavam na brincadeira me ouviu falar e saiu gritando no corredor dizendo:

- Gente, gente, a Ruby acha o pinto do Rahim bonito!

Quando olho para o lado, lá estavam todos os parentes, indignados!! Acharam que eu e meu primo estávamos fazendo coisas erradas!

Imediatamente, a tia Emily foi ao quarto e deu um belo esporro em Rahim.

Naquele momento tentei explicar o que realmente tinha acontecido, mas não quiseram me ouvir e ligaram pra minha mãe ir me buscar no outro dia.

Kendra (nome fictício)

O troco na mesma moeda

Elas eram amigas muito próximas uma da outra. Assim eram Maria e Gaby... faziam tudo juntas.

Um certo dia, Gaby disse para Maria:

- Conheci um menino e gostei muito dele.
- Mas quem é? Me conta...
- Vou fazer uma festa lá em casa e chamá-lo, aí vou apresentá-lo para todos.
- Tá né!
- Você vai gostar dele. O nome dele é Matheus Brad.

Maria, curiosa para saber quem era o indivíduo, começou a vasculhar nas redes sociais, até que o encontrou.

No dia da festa, todos queriam conhecer o tal garoto, mas principalmente a Maria. Quando ela viu os dois juntos, não se conteve e foi correndo contar para Gaby tudo que tinha descoberto:

- Gaby, você sabia que Mateus é galinha?
- Não... Como assim?!
- Sabia que ele tem um filho?

Gaby estava surpresa com aquelas revelações.

- Pois é, Gabi! Fique de olho! Ele é tudo de ruim.
- Uai, mas como você sabe tanto da vida dele assim, Maria?
- Lembra quando você me falou o nome dele?
- An...
- Eu pesquisei nas redes sociais...
- Mas eu falei que ia apresentar ele pra você...
- Eu fiquei curiosa...
- Tá bom!

Passado um tempo, Maria se interessou por Matheus e virou amiga dele.

Certo dia, Maria mandou uma mensagem para Mateus dizendo que Gabi tinha ficado com outro. Matheus em seguida mandou mensagem para Gaby e terminou com ela. Maria começou a inventar coisas de Gaby para Matheus.

Depois disso, Gaby ficou muito chateada sem saber o que estava acontecendo e o porquê de Matheus estar com tanta raiva dela.

Maria começou a postar fotos com Matheus nas redes sociais e Gaby, já desconfiada, perguntou para Maria:

- Você tem interesse no Matheus?

- Até parece né, Gaby!!

A amizade das duas foi esfriando. Depois de um tempo, Gaby estava passando na rua e viu Maria e Matheus se beijando na pracinha.

Lembrou de tudo o que tinha acontecido e caiu a ficha! Foi tudo uma armação de Maria para ficar com Matheus... Mas nada poderia ser feito para reverter o passado. Olhou aquela cena, e foi embora.

Tempos depois Maria foi chorando até Gaby falar que Matheus a tinha trocado pela melhor amiga dela. Gaby, ouviu aquilo tudo e só pode dizer:

- Foi pago na mesma moeda!

Iasmin Meireles de Abreu

Criminalidade no Espera Tapa

O padrasto e o enteado estavam sempre em pé de guerra. Um dia, o enteado, que tinha 15 anos, foi na casa de um tio, que morava na roça, e voltou para casa com um revólver. O tio sabia das confusões entre eles e se compadeceu da situação. Naquele dia, o padrasto resolveu implicar com ele. Este estava com o irmão mais novo e o primo.

- Saia dessa casa com seu primo e com seu irmão - disse o padrasto.

- Não vou sair de casa!

O irmão mais novo ligou para sua mãe. Com muita raiva, o enteado já estava com o revólver na mão.

- Você acha que vai me intimidar com esse revólver aí? Tenho medo disso não! - disse o padrasto.

- Mãe, seu marido está implicando com a gente aqui, mandando a gente sair de casa. Falou que a senhora que mandou botar a gente para o lado de fora.

- Filho, eu não mandei ele colocar vocês para o lado de fora, não! Eu falei que quando vocês saírem, para deixar a chave com ele.

- Pois seu marido está "pagando de doido" aqui.

O enteado foi para o lado de fora e o padrasto foi implicar com ele de novo. Então, enchendo-se de razão, o enteado puxou o revólver e apontou para seu padrasto. Apertou o gatilho, mas na hora o revólver mascou, então o enteado correu para o beco.

Confusão geral!!

O padrasto jogou pedras nas costas do enteado, mas este conseguiu fugir e chegar na rua. Quando o padrasto foi jogar outra pedra nele, o enteado sacou o revólver novamente e o apontou para o padrasto, apertou o gatilho e atirou na cabeça do sujeito, pegando de raspão. Ele ficou sem reação na hora e foi para dentro de casa lavar o sangue que estava escorrendo pelo corpo.

Sai ae... você falou que eu não tinha coragem?

O irmão mais novo falou para seu irmão mais velho ir embora porque a polícia estava chegando.

O enteado pegou sua mochila e saiu. Iria para a roça do seu tio, que o estava esperando em uma estrada.

Há quem diga que ele continua esperando até hoje, pois o enteado não apareceu ainda.

Carlos Gustavo Jovêncio Bandeira

Página da vida

Eu nasci em uma família humilde. Meus pais não tinham muitas condições. Sou a mais velha dos três filhos. Meus pais trabalhavam muito para cuidar de nós.

Morávamos em Vitória, na capital, mas a vida era muito difícil lá. Então meu pai decidiu partir para o interior do Espírito Santo, onde os parentes dele moravam, em Nova Venécia. Eu já tinha 6 anos, meus irmãos 4 anos e 6 meses, respectivamente. Eles deixaram tudo para trás.

Naquela cidade, tivemos a oportunidade de conhecer minha avó paterna. Moramos ali por dois anos.

Com 15 anos comecei a estudar, mas meus pais não tinham condições de manter todos os filhos na escola. Precisávamos trabalhar para ajudar nas despesas da casa.

O tempo passou... Me casei aos 25 anos. Somente agora, aos 48 anos voltei a estudar.

Adenilza Haidman da Silva

O dente

Uma felicidade tomava conta da casa naquela manhã de setembro. Assim como a primavera que estava chegando, com suas nuances, uma nova etapa na vida daquele pequeno estava prestes a iniciar.

- Mamãe, mamãe - gritava pela casa em direção a mim - olha meu dente! Acho que vai cair hoje!!

E permaneceu assim, feliz, exultante, ansioso por sua banguela, durante toda aquela manhã.

Veza ou outra dirigia-se ao espelho e movimentava o dente, para lá e para cá, na expectativa de que ele caísse naturalmente.

- Vamos tentar tirar, Tiago? Perguntei.

- Vai doer não, né?

- Nadinha!

A primeira tentativa foi um horror. Nada do dente sair... Puxa de um lado, puxa de outro e nada!

- Vamos ao dentista, então. Lá ela vai passar uma pomadinha e você não vai sentir nada!

- Abre a boca para a tia ver seu dente? A dentista disse.

Um pavor extremo começou a tomar conta daquele local.

- Tiago, abre a boca... eu já sem saber o que fazer diante do menino que se recusava a abrir a boca.

As lágrimas desciam rosinho abaixo, mas eu não podia demonstrar pena naquela hora, afinal havia dito que não doeria nada.

- Tiago! Pela última vez, abre essa boca!

E nada!

Sáímos de lá com a certeza de que aquela tarefa seria deveras difícil. No ímpeto da emoção (e do desespero) tive uma ideia! Vamos visitar outro dentista!

- Alô, você teria um horário para tirar um dentinho de leite hoje?

- Tenho sim. Pode vir em 1 hora que eu atendo.

Salas de espera nunca são amigas das mães. Cheguei a essa conclusão diante do silêncio do pequeno e da concentração aos barulhos que ouvia vindos de dentro do consultório. Tive pena! Mas mãe é mãe. E um dente precisava ser retirado naquele dia.

- Tiago, vamos lá?! chamou a assistente.

O menino sequer se moveu da cadeira, puxei-o pelo braço e entramos.

Consegui senti-lo gelado de medo.

- Pode abrir a boquinha - a dentista toda carinhosa. O menino mantinha-se imóvel.

- Tiago, abre a boca. Só para ela ver seu dente...

As lágrimas só rolavam rosto abaixo. A situação estava ficando difícil... Um dente precisava ser retirado, era questão de honra!

Não teve jeito! Mesmo com toda paciência da dentista que insistia em tentá-lo fazer rir, para que pudesse, pelo menos ver a situação do dente, não conseguiu.

Saímos de lá, com uma consulta paga, e sequer o dente foi avistado.

- Você está de castigo... sem celular, sem tv, sem brincar na rua... até tirar esse dente - e também vou contar para seu pai!

Acho que a última cartada foi a que mais surtiu efeito. Ele sabia que se o pai soubesse das aventuras daquele dia, os castigos só aumentariam...

- Tá bom! (chorando) me leva no dentista aqui do bairro, no posto! Eu vou deixar! Mas não conta para o papai não!

O dentista do posto era o mais temido, até pelos adultos. Sem paciência, sempre com pressa - SUS.

Sala fria e sem colorido. Também tive medo. Já estava até arrependida de tê-lo levado ali.

- PODE ABRIR A BOCA.

Eu não disse uma palavra. Não foi preciso, apesar do pavor nos olhos, meu garoto foi corajoso. Até certo ponto...

Eu já estava deitada em cima dele, segurando-o quando a assistente trouxe a seringa com a anestesia. Ele tentou levantar, mas eu era mais pesada. Já com a boca aberta e a mão do dentista dentro dela, não tinha muito o que fazer...

- AI, MENINO! NÃO ME MORDE! - gritou o dentista.

E naquele alvoroço todo, o dente foi retirado. UFAA! Fiquei roxa de vergonha!

Mas aquela já era a terceira ida ao dentista do dia... e o que tinha que ser feito, foi!

Um dente a menos! Mas ainda viriam muitos outros!

Graciella Costa Marim Recla

O homem estranho

Um belo dia apareceu um homem estranho perto da casa de Adão, um rapaz moreno e magro que morava em uma casa simples.

Ao ver o homem, Adão achou bem estranho. O que estava fazendo ali? Foi até a janela para ver melhor. Quem seria aquele homem?

De repente ele sumiu. Era um homem esquisito.

Naquela noite a energia acabou. Adão estava com sua namorada. Ficaram no escuro. Adão ficou desesperado com a escuridão, principalmente porque aquele homem estranho estava rondando a casa.

Resolveu acender uma vela.

De repente, quando Adão foi fechar a janela, o homem estranho apareceu na janela:

- Olá! Alguém em casa?

Apesar do susto, Adão e sua namorada viram que não precisavam ter medo. O homem só estava cansado e com fome. Deram-no de comer e ficaram ali conversando até que a energia voltasse.

Isaac Batista Gonçalves

Primeiro automóvel

Em um dia Luan, 19 anos, decidiu que queria se divertir, mas não sabia ao certo o que queria fazer. Então ele olhou para um pássaro que havia passado na sua frente e pensou alto:

- Deve ser uma adrenalina e tanto poder chegar nos lugares tão rápido como os pássaros!

Então ele juntou uns pedaços de sucatas com madeiras e rodas.

Juntamente com as sucatas, tinha uma caixa de ferramentas. Ideia vai, ideia vem, e lá estava seu primeiro veículo. Mas só andava ladeira abaixo.

Decidiu aprimorar ainda mais o seu projeto e acrescentou alavancas que pudessem empurrar as rodas para frente. E então foi surgindo o primeiro motor feito de sucatas, com pedaços de cano pvc. Os anos se passaram e ele fundou sua primeira loja de carros: Rolvi Automóveis. O que no início era apenas um sonho, com um carro de sucata, tornou-se realidade.

Kaick Recla Werneck

O dia do acidente

Numa bela manhã, meus amigos me chamaram para andar de bicicleta. Mas eu estava machucado por ter quebrado um dedo. Havia feito uma cirurgia há poucos dias. Mas eu não tinha nada pra fazer, então resolvi sair com eles.

O dia estava ensolarado. João, Marcelo e eu fomos para Demétrio, um lugar distante do centro da cidade, cercado por árvores e que carrega muita história dos imigrantes italianos na região. Para chegar lá, não era muito fácil. Muitos quilômetros, subidas, descidas e curvas que dificultavam o passeio.

Estava tudo indo bem. Mas, de repente, quando estávamos descendo um morro, percebi que estava em uma curva bem fechada.

- SOCORR0000!! - gritei.

- FREEEIAA - gritou João, que vinha logo atrás de mim..

Apertei o freio com força. Com a força que eu não tinha, afinal o dedo estava quebrado e não conseguia apertar direito. A estrada estava cheia de areia.

Pensei: se eu frear eu caio, se eu não frear eu bato na cerca. Freei...

O resultado era certo! Aquilo teria uma consequência.

A adrenalina da situação não me deixava sentir a dor, mas quando olhei para meu braço, era sangue para todo lado!

- CARACA! Você está bem? - Marcelo estava preocupado com o tanto de sangue no meu braço.

Quando vi a situação em que eu estava, só pensava na cirurgia que tinha feito no dedo! Não queria passar por aquilo de novo!

Com a queda, fiz um corte profundo no braço.

Caí (acho que desmaiei). Comecei a pensar na cirurgia, na minha mãe, no meu curso de luteria, comecei a ver estrelas brancas na minha cabeça. Achei que estava morrendo...

- Acorda, cara!! - Marcelo me sacudia.

Achei que estava morrendo.

- Foi só um corte no braço - João ria de mim, prometendo contar para toda a galera do bairro se eu não levantasse logo dali.

Filipe Lemos

O menino sapeca

Isaac gostava muito de brincar com seus brinquedos. Tinha dois anos de idade, morava em uma casa com sua mãe, avó e os tios. Na casa havia dois quartos, um do lado do outro. Isaac em uma de suas brincadeiras resolveu aprontar mais uma...

Ainda era de manhã, quando sua mãe sentiu falta dele e começou a procurar e a chamar:

- Isaac, cadê você? Isaaaaaac vem aqui, cadê você? Mas, quanto mais ela gritava, mais se ouvia o menino rindo.

Dentro da casa só se ouvia isso: as risadas de Isaac e agora os gritos de sua mãe, desesperada, procurando por ele.

Os minutos foram passando e a mãe acabou percebendo que seu filho havia se trancado dentro de um dos quartos.

A mãe começou então a tentar fazer com que o filho abrisse a porta... em vão. Ele era apenas um bebê... não entendia e só ria.

A mãe começou a ficar desesperada. Dentro do quarto, Isaac estava aprontando e ela, de fora, ouvindo coisas caindo. Estava ficando cada vez mais aflita.

Até que ela teve uma ideia: chamar o vizinho para abrir a porta... não deu certo... ele não conseguiu.

A mãe que já estava quase chorando de desespero por seu filho estar trancado dentro do quarto, sugeriu para o vizinho:

- E se você pulasse a janela?

A casa era de dois andares e precisaria de uma escada.

- Isso! Bem pensado, vou tentar ir pela janela!

- Ok, vai lá, já não estou aguentando ouvir essas coisas caindo dentro desse quarto e esse menino só rindo - disse a mãe.

O vizinho tentou de várias maneiras, mas a janela estava trancada.

Tiveram outra ideia: vamos tentar tirar a porta! E assim fizeram!

O vizinho conseguiu entrar no quarto e destrancou a porta.

A mãe respirou aliviada, mas mal sabia ela que aquele alívio iria passar em segundos.

- ISAAAAAAC NÃO ACREDITO NISSO - gritava a mãe vendo o filho daquele jeito.

E lá estava Isaac, todo sujo de batom, rindo e mostrando o estrago que tinha feito. Havia pedaços de batom pelo quarto inteiro.

E adivinhe quem limpou?

Eduarda Jesus Folhagem

O rio podre

Era noite, eu estava na pracinha andando de bicicleta com minha irmã, quando vi um menino pequeno, aproximadamente uns 10 anos. Tinha o cabelo preto, estava todo arrumado, parecia estar muito feliz. Logo deduzi que estava indo para uma festa de aniversário, já que carregava consigo um presente. Ninguém o acompanhava... estranhei aquilo e fiquei observando. Mas ele sumiu do alcance da minha visão.

Passaram-se uns 10 minutos...

Minha irmã e eu ainda estávamos ali, quando, de repente, vimos o mesmo menino chorando, todo sujo, falando com alguém que parecia ser a mãe dele, que havia caído no rio podre e poluído de lixo.

- Eu não acredito nisso! dizia a mãe e dando lapadas e mais lapadas no menino.

A pracinha estava cheia de crianças brincando. Foi um verdadeiro show! As crianças olhavam assustadas aquela surra. Há poucos instantes o menino passava todo feliz, e agora ele volta e é só choro.

- Desculpa desculpa, mãe, não vi o rio - respondeu chorando.

- COMO VOCÊ NÃO VÊ UM RIO, MENINO?!

- Estava muito escuro e acabei nem percebendo que tinha um rio ali, dizia o menino aos prantos, com o presentinho na mão, todo encharcado de esgoto.

- Não acredito nisso! Vamos embora agora, você vai ficar uma semana de castigo!!!

E o menino só conseguia pensar no bolo, nos docinhos, nas brincadeiras que teria no aniversário.

- Aquele rio de esgoto tinha que estar ali? resmungava o menino, inconformado.

Robert Pessotti Sena

O dia de azar

Eu não estava enxergando bem já fazia um tempo... Precisava urgentemente fazer um exame de vista.

Marcada a consulta, seguimos, minha irmã e eu, para Vitória, pois lá havia os melhores especialistas.

Era bem cedo quando saímos de casa. Pegamos dois ônibus. Foram quase duas horas para chegar ao consultório. Chegando lá, colocaram colírio nos meus olhos. A sensação foi horrível! Parecia que eu não enxergava mais nada!

Fiz o exame e, para aproveitar a viagem, paramos no shopping. Parecia ser apenas um dia normal... mas nunca vou me esquecer da vergonha que passei lá, e em prestações!!

Primeiro, ao subir a calçada da entrada do shopping, pisei em falso e cai no chão. Eu estava com as vistas embaçadas, não conseguia ver direito. Levantei e entrei na primeira loja que vi, na esperança de ninguém ter visto.

- Eu vi o que aconteceu! - disse a atendente da loja.

Comecei, de súbito, a rir de tanta vergonha.

- Mais cuidado na próxima vez! Ali nas escadas rolantes é perigoso!

Queria fugir dali! Saí sem comprar o que queria.

- Calma, na próxima vez que a gente vier, passamos lá e compramos a roupa que você tanto queria - disse a minha irmã, compadecida com a situação.

Estava mais tranquila... fomos comer um lanche. Não sei como, acabei derrubando a bandeja com o suco e o lanche na minha roupa.

- Meu Deus!! Que desastrada!

Eu já não sabia onde colocar minha cara, outro mico! Ao redor, as pessoas começaram a rir da situação. Me limpei e saí de lá muito zangada.

- Nunca mais volto aqui! falava comigo mesma.

Mas meu dia ainda não tinha terminado, e aquela onda de azar poderia estar longe do fim...

Megan (nome fictício)

Deu ruim

Certo dia eu estava na quadra e até que estava tudo normal. Meus amigos e eu estávamos jogando bola. De repente chega uma tia minha e nos chama para irmos em uma festa à noite, na cidade vizinha, Ibirapu.

Sairíamos às 20 horas. Estávamos animados. Era um dia de sábado. Continuamos jogando bola até dar o horário. Fui para casa, tomei banho e me arrumei. Meus amigos também.

Estava todo mundo preparado. Pedimos um táxi para Ibirapu. Estávamos próximo da cidade quando o táxi quebrou. Não queria mais ligar.

- Vamos chamar outro táxi - eu sugeri.

Mas “deu ruim”! Nenhum de nós tinha crédito no telefone para fazer ligação.

Continuamos a pé nosso trajeto, pelo asfalto, e seguimos em direção ao centro da cidade, na esperança de acharmos outro táxi.

Por volta de 22h, quando já estávamos desistindo, achamos um táxi, mas já era tarde demais, estávamos cansados e resolvemos voltar para casa.

Arthyron Coutinho Moura

O afogamento

Estava fazendo muito calor. Era uma manhã de domingo.

Sofia e seus amigos Gabriel e Beatriz resolveram tomar banho na lagoa. Os três estavam muito animados, adoravam ficar ali, brincando na água. Eduardo, primo de Sofia e Gabriel, decidiu não ir, ficaria com Tina, a cachorra que só sabia perturbar as pessoas.

Já estava ficando tarde quando Eduardo chegou com a cachorra, dizendo que ia mandar a cachorra pular na lagoa. Beatriz, indignada, disse que não era para ele fazer isso, Gabriel saiu da água e ficou conversando com Eduardo, que começou a mexer com a cachorra para que ela pudesse pular na água.

- Vai, Tina, vai!!

A cachorra pulou na água e nadou em direção a Sofia. A menina era a única que não sabia nadar.

- Tira essa cachorra daqui! gritava Sofia, desesperada.

Tina continuou nadando em direção a Sofia.

A menina já estava no fundo quando a cachorra a agarrou pelo cabelo. Sofia reagiu e segurou na cabeça da cachorra e a afundou. As duas estavam se afogando. Foi um desespero só!

Gabriel nadou até lá e tirou a Tina, e Beatriz tirou Sofia.

Depois desse susto, Tina mordeu a mão de Sofia e a menina deu uma varada nela.

- Onde já se viu! Um cachorra tentar me afogar!! - repetia Sofia inconformada.

Betânia (nome fictício)

Benedita

Benedita é uma jovem escrava muito bonita, tinha dezesseis anos. Seu dono era uma boa pessoa, um senhor já de idade, que sempre a tratava bem. Porém certo dia o homem chegou até ela e lhe disse:

- Você irá se casar! Encontrei um bom rapaz, jovem, homem forte e bom reprodutor. Você será esposa dele!

A moça chorou desesperadamente durante todo o restante do dia e também toda a noite.

Chegado o dia seguinte, ela tomou uma decisão. Não se permitiria passar o restante de sua vida com uma pessoa que não amava.

- Vou fugir! - pensou ela.

Decidida, a jovem pulou a janela da casa e começou a correr em direção à mata que havia próxima de sua casa. Seu dono logo percebeu que ela havia fugido e partiu a procurá-la.

Benedita não adentrou muito na mata. Quando começou a escutar os gritos de seu dono chamando por seu nome, assustou-se e decidiu subir em uma grande árvore para se esconder.

Já em cima da copa da árvore, a jovem ainda ofegante escutou um barulho entre os espessos galhos logo à sua frente e, antes que ela pudesse olhar, surgiu dali uma enorme onça. Ela desceu tão rápido quanto subiu e voltou correndo aos gritos enquanto tentava acertar o caminho de volta. Para sua sorte, o dono dela havia escutado seus gritos de desespero e já estava vindo ao seu encontro.

Quando se encontraram, o velho homem já imaginava o que poderia estar acontecendo, devido aos intensos gritos da garota, e já portava nas mãos sua arma.

Ao avistar o feroz animal vindo em sua direção, apertou o gatilho. Foi um tiro certeiro. Os dois retornaram juntos para casa, e lá tiveram uma longa conversa. A jovem desesperada, lhe disse:

- Por favor! Eu te imploro! Não me obrigue a isso. Tenho o senhor como um pai para mim, não me obrigue a passar o restante da minha vida infeliz com alguém que não quero!

- Tudo bem Benedita, também te considero como filha, seria bom para você se casar com um bom homem, mas tudo bem, entendo seu lado.

Ela ficou muito grata pela bondade de seu senhor, e cuidou dele até seu último dia de vida.

Amadeu Borges

A lenda

Essa história se passou em 1976. Conta-se uma lenda, para mim, verídica é claro!

Uma família morava naquele bairro há anos. Era composta pelo pai, mãe e sete filhos. Pela tradição, o mais velho tinha que batizar o mais novo. Para não virar lobisomem. Porém, este não foi batizado. Por isso, todo ano, na sexta-feira da paixão, todos tinham medo de passar em frente à sua casa. Pois diziam que morava em um galinheiro.

A porta do seu quarto era para o lado de fora, não tinha acesso à casa. Sua aparência era peluda e barbuda, quase ninguém o via. Mas ele realmente existia.

Numa certa noite, em plena sexta feira da paixão, uma senhora - a mais velha do bairro, ou melhor, da cidade e que hoje não se encontra entre nós, faleceu com 120 anos - juntou a criançada da vizinhança, e levou para a Missa. Pois era muito devota.

Na volta para casa, quase à meia noite, passaram em frente da dita casa e ouviram um grande barulho que vinha do galinheiro, um barulho horrível. Quanto desespero! Foi uma gritaria tremenda!

Do lado da casa, ficava a antiga delegacia da cidade. Então, diante do barulho e da gritaria, os policiais saíram, perguntando:

- O que está acontecendo? - Vocês não estão ouvindo?
respondeu a senhora - Está se transformando em Lobisomem!

Os policiais imediatamente entraram, fecharam as portas da delegacia. Nenhum ousou sair.

A senhora, com voz trêmula, gritou:

- Corre criançada! Perna pra quem te quer!

Essa história é real. Sabem porque? Eu estava lá.

Maria da Penha Barbosa Borges

O bandido que se borrou na abordagem

Era 12.10.2021. A PM da RP 576 estava em patrulhamento na região norte de Colatina.

Havia um mandado de prisão para ser cumprido. Um roubo havia acabado de acontecer.

O indivíduo foi visto passando na rua de uma favelinha. O policial, ao vê-lo, começa a perseguição, mas quando o indivíduo avistou a viatura, começou a correr. A correria foi em vão! O policial o alcançou e deu voz de parada.

- Mão na cabeça aí, jogador. Qualquer movimento brusco eu atiro. E já vou logo te algemar porque você já sabe que está preso né, jogador?

- Sim senhor!

- Se você já sabe, por que você correu, jogador?

- Senhor, eu só queria fugir para sustentar minha família!

- É isso que você quer para sua vida? Ficar correndo da polícia a vida inteira? Bora, bora!! Entra na viatura e vai de mansinho...

De repente um mau cheiro subiu... Os policiais ficaram meio desconsertados...

- Você está sentindo um cheiro ruim?

- Estou sentindo também!

Quando os dois policiais pegaram o indivíduo para levar para viatura viram que o bandido tinha se borrado todo.

- Se borrou todo por que, heim?

Aquilo estava muito estranho... Ninguém se borraría assim à toa...

Os policiais se entreolharam. Aquilo era um sinal de que havia mais coisa a se investigar.

Puxaram a ficha do sujeito: três homicídios, tráfico de drogas, assalto a mão armada, violência contra a esposa.

De fato aquilo era motivo para se borrar. Ficaria guardado por bastante tempo...

Kaike de Almeida Silva

Autógrafos dos autores